

# ASFOC-SN



# 120



**Fiocruz**

anos de Saúde e Ciência

**TRABALHADORES DA FIOCRUZ:  
HÁ MAIS DE UM SÉCULO LUTANDO  
POR UM PAÍS MELHOR**



# O que mudou com o governo Bolsonaro?

Quase um ano de governo Bolsonaro e nada temos a comemorar. O desemprego, o desalento, a precarização das relações trabalhistas e a Reforma da Previdência estão mudando a vida de milhões de pessoas para pior. Serviços públicos estão sendo sucateados, sacrificando ainda mais a população. Servidores das esferas federal, estadual e municipal, trabalhando em condições muito ruins e há anos sem reajuste, estão sendo colocados como inimigos da sociedade.

O país chega ao final de um ano de gestão do governo Bolsonaro enfrentando graves problemas de endividamento das famílias e das empresas. A desindustrialização caminha a passos largos e o setor apresenta uma grande capacidade ociosa resultante da ausência de consumidores com poder de compra. A grande capacidade ociosa afasta novos investimentos e, conseqüentemente, a criação de empregos. Observa-se o fechamento de fábricas e o desvio de recursos do setor produtivo para a ciranda financeira. Cada vez mais, nos tornamos dependentes de uma economia extrativista e exportadora de commodities e, em grande parte, predatória e parasitária dos recursos públicos.

Em meio à crise, os bancos apresentam lucros extraordinários e concentram grande parte da renda gerada no país. Um dreno que retira dinheiro do mercado, reduzindo os recursos disponíveis para o consumo das famílias e para o necessário aquecimento da economia. Maquiando números, o governo fala em retomada do crescimento, queda da inflação e diminuição da taxa de juros como resultados do ajuste econômico. Um ajuste que adota a ideia de Estado mínimo e a redução dos custos de produção - pela retirada de direitos, introdução de tecnologias e desonerações tributárias - como elementos de combate à crise.

Entretanto, o que é entregue não corresponde ao que é vendido pela propaganda oficial e por aqueles que apoiam o projeto de ajuste econômico defendido por um conjunto de grupos e forças contrárias aos interesses do país. Estes últimos, como se sabe, incluem os objetivos geopolíticos norte-americanos; os grandes conglomerados internacionais ligados à exploração de nossos recursos naturais; aqueles que buscam ocupar mercados hoje situados no âmbito do Estado e os rentistas.

Administrado por Paulo Guedes, o projeto neoliberal em curso não deu certo em nenhuma parte do mundo. Não há comprovação empírica que sustente seus postulados, enquanto sobram razões para a sua contraindicação. O programa adotado pelo governo Bolsonaro não melhorou a vida dos ingleses e americanos após as reformas promovidas por Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Resultou em graves prejuízos para os chilenos subjugados pela ditadura corrupta e sanguinária de Augusto Pinochet. Arruinou a economia da Grécia e, mais recentemente, têm sido alvo de protestos no próprio Chile e em diversos países como França, Colômbia, Equador e Bolívia, para citar alguns. Mesmo organismos internacionais, tradicionalmente defensores de tais medidas, como o Banco Mundial e o FMI, já não acreditam na aplicação do programa ultraliberal para a solução do quadro de crise que atinge o mundo desde 2008.

Importa ressaltar que na visão de muitos analistas, a crise no Brasil se alastra impulsionada pelas medidas destinadas a combatê-las e não como resultado do colapso inicial. Para muitos especialistas, a crise se transformou em um negócio bastante lucrativo. Estamos, na realidade, diante de uma enorme máquina de produção de miséria e violência. As pessoas estão tensas, tristes, sem esperanças e adoecendo.

Para enfrentar o desemprego, o governo evoca uma falsa oposição entre direitos e oferta de empregos e apresenta a carteira verde e amarela como solução mágica para a criação de postos de trabalho. Uma medida ineficaz que, além de não atacar o problema, intensifica a exploração da força de trabalho já prejudicada pelos danos causados pelos ataques ao sistema de proteção decorrente da legislação trabalhista. De outro lado, para mascarar a recessão, a desaceleração da economia é vendida como vitória sobre a inflação. O mesmo se pode dizer da redução da taxa de juros que, cabe lembrar, se deve mais à desaceleração da economia e à ausência de tomadores de crédito, do que à regulação ou concorrência entre bancos.

A progressiva desregulamentação e a ausência do Estado, que

caracterizam o neoliberalismo, têm destruído a capacidade do país reagir a crises e nos levado para uma situação de difícil reversão em curto espaço de tempo. Livres de qualquer constrangimento legal, os beneficiários de tais medidas promovem um verdadeiro saque ao país, mostrando a sua face mais selvagem expressa no desleixo para com a Saúde, Educação, meio ambiente e no extermínio de lideranças indígenas, quilombolas e sindicais. Um caos estimulado pela empáfia grotesca da fala oficial transmitida e amplificada pela grande mídia e por esquemas de manipulação da opinião pública montados nas redes sociais.

A selvageria persegue ativistas das causas sociais, ambientalistas, professores, cientistas, artistas e intelectuais dos mais diversos campos do saber. Ao mesmo tempo, o autoritarismo fundamentalista censura a cultura, desqualifica a ciência e criminaliza a política e os movimentos reivindicatórios. O governo, apoiado por frações das forças armadas, se mostra autocrático e tem contado com a complacência da mídia e de parcelas do Judiciário.

Ideologia e opiniões substituem os fatos, as estatísticas e demais evidências científicas. O feminicídio cresce assustadoramente e políticas de segurança pública genocidas desconhecem os direitos da cidadania dos moradores das comunidades carentes, matando inocentes e expondo policiais a confrontos que estão distantes de

## O feminicídio cresce assustadoramente

reduzir a criminalidade e a violência.

A boçalidade caminha pelas ruas do país orgulhosa de sua própria estupidez. O propalado patriotismo detesta a cultura nacional e bate continência para a bandeira americana e para uma réplica de uma Estátua da Liberdade instalada na frente de uma loja de departamentos. Insanidade que nos chega à mesa pela liberação criminosa de agrotóxicos e que ameaça inúmeras cidades de soterramento pelo rompimento de barragens. Crimes ambientais sem combate efetivo, comparáveis ao derramamento de óleo no litoral e às queimadas que consomem a Amazônia.

Constrangimentos internacionais, como a menção a uma suposta participação do ator Leonardo DiCaprio nos incêndios nas florestas brasileiras ou referências deslealistas à primeira-dama francesa, se sucedem. Nossa imagem no exterior é péssima e nossos governantes são cotidianamente ridicularizados pela imprensa mundial. A descrença do mercado no governo é crescente e muitos investidores já abandonam o país. Importantes aliados do governo denunciam a existência, no núcleo do poder, de um "gabinete do ódio" especializado em produção de fake news, abalando ainda mais a combatida credibilidade da atual administração do país.

Pesquisas de abrangência nacional demonstram o crescimento da extrema pobreza e a intensificação do processo de concentração de renda. Segundo dados divulgados, em outubro de 2019, pela Síntese de Indicadores Sociais (SIS) produzida pelo IBGE, um quarto da população brasileira, ou 52,5 milhões de pessoas, vive com menos de R\$ 420 por mês. Não há dinheiro e a população e empresários se encontram inadimplentes. Tal situação, aliada à desindustrialização e à falta de investimento por parte de um Estado engessado pela política de austeridade amplamente criticada por ganhadores do Nobel de Economia, inviabiliza a retomada do crescimento e lança sobre o país o véu da incerteza e afasta a fada da confiança tão exaltada pela equipe econômica.

Em resposta à crise, o governo acena com a desvinculação geral dos recursos do orçamento da União; a redução de jornada de trabalho e salários para servidores públicos, bem como com uma reforma tributária que, conforme esperado, dificilmente vai taxar grandes fortunas ou tocar em outros privilégios como a isenção de impostos sobre lucros e dividendos ou a desoneração de contribuições sociais para agroexportadores. Também não deve

ser tocada a remuneração sobre depósitos compulsórios e sobras de caixa de bancos junto ao Banco Central.

Para enfrentar a questão da inadimplência - que retira milhões de consumidores e empresários do mercado de créditos e reduz o vigor do mercado interno - os bancos estão oferecendo descontos de até 92% do valor das dívidas como forma de recuperar o que foi efetivamente emprestado e reaquecer a venda de empréstimos pelo retorno dos endividados à capacidade de se endividar.

A aparente generosidade dos bancos esconde o fato da inusitada e desproporcional inadimplência já ter sido computada nos balanços que apresentam os lucros exorbitantes aferidos pelo setor. Um setor oligopolizado, em que cinco bancos (Itaú, Bradesco, Santander, Caixa Econômica e Banco do Brasil) dominam o mercado. Situação agravada pela cartelização possibilitada pela influência do segmento privado sobre os bancos estatais que, contrariamente ao que se podia esperar, acabam agindo de forma articulada com os demais a favor dos rentistas, e contra os interesses da população, do setor produtivo e do futuro do país.

Na prática, os bancos abandonaram o papel de promotores do desenvolvimento, preferindo lucrar com o mecanismo da dívida pública que drena para o setor financeiro os recursos dos trabalhadores e do Estado brasileiro. Um ralo para onde escoam os recursos retirados da Previdência, dos direitos trabalhistas, do financiamento dos imprescindíveis serviços públicos e do sistema tributário injusto e altamente regressivo. Um esquema que não promove o bem-estar da população, não alavanca o desenvolvimento e não investe no futuro do país.

Na esfera internacional, estamos vivendo o isolamento motivado por uma adesão cega e subserviente aos interesses geopolíticos norte-americanos. Uma adesão que, por vezes, ameaçou colocar em risco nossas relações comerciais com parceiros importantes como a China, o mundo árabe e a União Europeia. Uma adesão retribuída, pelo governo Trump, com a imposição de tarifas e outras sanções econômicas aos nossos produtos como ocorreu recentemente com o aço e o alumínio.

Povoado por personagens exóticos como terraplanistas e por ministros visivelmente incompetentes e desequilibrados, o governo Bolsonaro é composto por gente que acredita que o racismo não existe e que a escravidão foi benéfica para os descendentes de escravos. Complementam o quadro aqueles que acreditam que os Beatles integravam uma conspiração comunista internacional. Estruturado como elenco de ópera bufa, o governo começa a dar sinais de esgotamento e sua manutenção já é vista por setores do empresariado como cara e problemática. Para muitos, o país não pode continuar a conviver com expectativa cotidiana da eclosão de abalos sísmicos insanos, cujos respectivos epicentros encontram-se, invariavelmente, localizados no centro do poder.

Passada a surpresa inicial, instituições da sociedade civil vêm se articulando para barrar a destruição e as injustiças que marcam as ações estapafúrdias e o programa econômico de um governo que se mostra autoritário e nada aderente aos ideais da democracia e da civilização. Estimulada pela necessidade de salvaguardar os interesses da população e da soberania nacional, oposição cresce e se organiza para defender um projeto de país que tenha como prioridade absoluta a defesa da vida e do bem-estar da população. Preste a completar 120 anos, a Fiocruz, na visão dos seus trabalhadores e de sua representação sindical, tem muito a contribuir para a construção de um Brasil possível e desejado.

Nesta perspectiva, participamos da construção de uma Jornada de Lutas que inclui um plano de ação contra o pacote de ajuste fiscal do governo Bolsonaro, que pode significar o desmonte do serviço público e ataques aos direitos dos servidores.

Plenária das Centrais Sindicais, com a participação da Asfoc, indicou um Dia Nacional de Mobilização e Paralisação para 18 de março. Por sugestão do Sindicato, o movimento incorporou a construção de uma grande mobilização 7 de abril (Dia Mundial da Saúde).

A chegada de 2020 e dos 120 anos da gloriosa Fiocruz também será tema do Discípulos. Mais uma vez, juntaremos nossas bandeiras à saudável irreverência do Carnaval carioca.

Seguimos na luta, em defesa da vida, no trabalho e nas festas, contra a crueldade e covardia: por Saúde, Ciência e Alegria!

### EXPEDIENTE

■ DIRETORIA EXECUTIVA DA ASFOC - SINDICATO NACIONAL (E-mail: secretaria@asfoc.fiocruz.br) • Paulo Henrique Scrivero Garrido (Paulinho) - Presidente • Mychelle Alves - Vice-Presidente • Alcir Pereira Batista - Diretor de Administração e Finanças • Luciana Pereira Lindenmeyer - Diretora Secretária-Geral • Gutemberg Brito - Diretor de Comunicação • Claudia Stutz Zubieta - Diretora de Articulação Regional • João Carlos B. R. de Freitas (Profeta) - Diretor Social e de Cultura • Washington Luis Mourão Silva - Diretor de Legislação e Assuntos Jurídicos • Bruno Amorim de Souza - Diretor de Esportes ■ SUPLENTEs • Adilson da Hora Sampaio • Marcos Besserman • Carlos Fidelis Ponte • Sonia Pinho • Cláudia Maria Alexandre do Carmo ■ CONSELHO FISCAL • Luciana Frederico Milagres • Sonali da Silva Mota • Jorge Santos da Hora • Lindenber Lins dos Santos • Carlos Henrique Viana Brito ■ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO (Tel.: 21 2598-4231 Ramal 211 / E-mail: jornalismo@asfoc.fiocruz.br) ■ Gerência de Comunicação • Jesuan Xavier (Jornalista responsável) ■ Equipe • Fernando Taylor e Alessandra Monteiro de Castro (Jornalistas), Mario Cesar e Jorge Vieira ■ Fotografia • Jesuan Xavier • Fernando Taylor • Alessandra Monteiro de Castro • Mario Cesar ■ Impressão • Jorday Gráfica ■ Programação Visual • Mario Cesar

### CONTATOS ASFOC-SN

■ Sede da ASFOC-SN - Av. Brasil, 4.365 - RJ - CEP 21040-360 ■ Secretária - 2598-4231 ■ Odontologia - 2598-4333 ■ Jurídico - 2598-4231 (R. 214) ■ Seguros - 2598-4231 (R.218) ■ REPRESENTAÇÕES REGIONAIS DA ASFOC-SN: ■ Pernambuco / CPq Aggeu Magalhães - (81) 2101-2533 ■ Minas Gerais - Belo Horizonte / CPq René Rachou - (31) 3349-7710 ■ Brasília - Distrito Federal - Fiocruz Brasília - (61) 3329-4612 ■ Bahia - Salvador / IGM Gonçalo Muniz - (71) 3356-6853 ■ Amazonas - Manaus / CPq Leônidas e Maria Deane - (92) 3621-2397 ■ Paraná - Instituto Carlos Chagas - (41) 3316-3225 ■ Ceará - (85) 3215-6450 ■ Mato Grosso do Sul - (67) 3346-4480 ■ Rondônia - (69) 3219-6000



# Apocalipse zumbi

## Bolsonaro retoma agenda perdida de Collor e FHC

Por Fernando Taylor



O doutor em Ciências Sociais de Brasília (UNB) e especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental Luiz Alberto dos Santos comparou a agenda de reformas do governo Bolsonaro à figura do zumbi. “A gente pensa que morreu, mas fica ali atormentando, correndo atrás”, afirmou durante o debate “Reforma Administrativa: aspectos principais, com enfoque na reestruturação das carreiras e no processo de avaliação de desempenhos dos servidores”,

promovido pela Asfoc-SN, no dia 20 de outubro, na sede do Sindicato.

Segundo ele, o governo retoma a agenda neoliberal de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, na década de 1990. “Para isso, empoderou, de forma absoluta, uma única pasta ministerial, a da Economia, que passa a responder por tudo sozinha. Uma pessoa (Paulo Guedes) responde por todas as atividades do governo relacionadas ao planejamento, indústria, comércio, trabalho, previdência, Tesouro, Fazenda e o que mais passar por perto”, frisou.

O especialista lembrou que, em mensagem encaminhada em fevereiro ao Congresso Nacional, o presidente Jair Bolsonaro prometeu fazer sete reformas: Nova Previdência (PEC 6/2019), ambicioso programa de privatizações, mudança no sistema tributário (PEC 45/2019), liberação comercial, redução e racionalização dos subsídios concedidos pela União, autonomia do Banco Central e Reforma Administrativa da gestão pública.

“O objetivo dessa [última] medida é aumentar a produtividade do serviço público. A proposta do governo será encaminhada ao Congresso Nacional, ainda sem prazo definido, e provavelmente abordará a reestruturação de carreiras do funcionalismo e mudanças nas regras de estabilidade dos servidores públicos”, informa o Projeto de Lei Orçamentária Anual 2020 (PLOA 2020) encaminhado pelo Poder Executivo ao Congresso Nacional.

Além disso, a agenda de governo também sinaliza com o fim do Regime Jurídico Único (RJU); a ampliação da terceirização; demissão por insuficiência de desempenho; reajuste zero (negação da revisão geral); congelamento de progressões/promoções; redução remuneratória em caso de diminuição de jornada (PEC 438 e Emenda Serra na PEC 6/2019), da remuneração de ingresso, do número e estruturas de carreiras e da “autonomia” de órgãos (Agências, Polícia Federal e Fisco)/domesticação (casos Inpe e Ibama); limitações ao Poder Judiciário e, em paralelo, a regulamentação do “Teto”, do direito de greve e da negociação coletiva (PL Anastasia).

Nesta perspectiva, o servidor é colocado como privilegiado e vilão das contas públicas. O desdobramento desta visão deturpada é o congelamento de concursos (exceto Segurança e Fisco) e da folha de pessoal (exceto para militares).

Some-se a isso “a completa obstrução de diálogo [do governo] para se chegar à solução de problemas já existentes há décadas, mas que, neste período recente, particularmente de 2016 para cá [com a posse de Michel Temer], estão se avolumando”, afirmou Luiz Alberto dos Santos.

**Asfixia sindical** - Além da falta de diálogo do governo, as entidades sindicais se encontram em um contexto ainda mais crítico: o da limitação da atuação das entidades representativas de categorias dos trabalhadores. Os sindicatos enfrentam ataques a questões importantíssimas, como o fim da unicidade sindical. “Como está colocada hoje, sem qualquer mecanismo de financiamento do sistema de representação, traduz uma pluralidade de sindicatos fracos, pulverizados. Uma lógica maquiavélica de dividir para governar”, ressaltou o doutor em Ciências Sociais.



Há ainda a limitação da representação sindical dos associados. O raciocínio é: se ele só representa apenas quem se associa, todos vão querer se associar. “Lamentavelmente a cultura hoje é individualista. As pessoas preferem pegar carona. Não se filiam e o resultado é a incapacidade do próprio sindicato representar a categoria/classe”.

Outro problema é o da asfixia financeira. Durante o governo Temer, a Reforma Trabalhista pôs fim à contribuição sindical compulsória. Já o governo Bolsonaro publicou a Medida Provisória 873 - a MP estabelecia a contribuição sindical condicionada à autorização “prévia e voluntária do empregado”, “expressa por escrito” e seu desconto efetuado apenas via boleto - não mais por desconto em folha.

“O governo tentou acabar com a consignação das contribuições das mensalidades dos sindicatos no serviço público. Adotou essa medida na perspectiva de não interferir na relação entre trabalhadores e sindicato. Só que continua possível consignar todo tipo de desconto, empréstimo e outros. Tentou mexer em apenas uma consignação, logo aquela que dá aos sindicatos meios para continuar atuando. A MP sequer foi votada, caiu, caducou, perdeu a eficácia sem ter sido apreciada. Mas pode ser que ano que vem o governo tente de novo [acabar com o desconto em folha]”, alertou.

Para o especialista, a pressão do governo enfraqueceu o movimento sindical no momento mais crítico da tramitação da Reforma da Previdência. E reduziu significativamente o número de paralisações nos setores privado e público, de acordo com pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Respondendo a diversas perguntas dos trabalhadores, Luiz Alberto finalizou o debate afirmando que para superar esse cenário “é preciso reorganizar as forças da sociedade para enfrentar a consolidação do projeto autoritário”.

O debate foi mediado pelo jornalista e coordenador do Programa Radis, Rogério Lannes Rocha, que ainda contou com a participação do presidente do Sindicato, Paulo Garrido.

## Pacote de ajuste fiscal fica para 2020

A votação do pacote de ajuste fiscal proposto pelo governo Bolsonaro deverá acontecer em fevereiro do próximo ano (PECs 186, 187 e 188). Em audiência no Senado, no dia 4 de dezembro, a presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), Simone Tebet (MDB-MS), afirmou que até o governo já trabalha com essa possibilidade.

Durante audiência, a oposição garantiu a realização de duas audiências públicas para debater a PEC 187 antes de sua votação – a proposta, entre outras medidas, permite ao governo usar para outras finalidades o dinheiro hoje retido em fundos públicos e vinculado a áreas específicas.

Mesmo assim, a PEC 186, que propõe mudanças estruturais nas finanças públicas, todas com impactos sobre os direitos dos servidores públicos, deve ser pauta da CCJ ainda neste ano. O Sindicato continuará vigilante na defesa dos direitos dos trabalhadores e da população.



Foto: Alessandra Castro

# Não privatize nossos sonhos!

## Trabalhadores e estudantes unidos pela soberania do país

**Por Alessandra Monteiro de Castro**

“A nossa luta unificou, é estudante junto com trabalhador”. “A nossa luta é todo dia, Educação não é mercadoria”. Palavras de ordem como essas ecoaram pelo Centro do Rio, em 3 de outubro, no Dia Nacional de Luta pela Soberania. Reforçando a manifestação, a faixa da Asfoc-SN, “Em defesa do emprego, Saúde, Educação e serviço público de qualidade. Não privatize nossos sonhos!”, marcou a presença do Sindicato no Ato no dia do aniversário de **66 anos da Petrobras** - empresa estratégica fundamental para garantir a soberania do país, mas que sofre fortes ameaças de privatização pelo governo Bolsonaro.

Durante o protesto, o presidente da Asfoc, Paulo Garrido, reafirmou a importância de lutar pela soberania nacional e pelos direitos dos trabalhadores, principalmente os ligados à Saúde e Educação. De acordo com ele, a construção de um projeto de país deve ser calcado num Estado de bem-estar e na redução das desigualdades sociais.

“A Asfoc está na luta pela soberania nacional e o Ato é também em defesa da Saúde e Educação pública. A Petrobras fez 66 anos. Isso é muito simbólico para nossa luta. Manter a empresa em sua integridade é necessário para construção de um país soberano. O governo está destruindo o serviço público e, com ele, os direitos da cidadania”, afirmou Paulinho.

Depois do Ato na Candelária, os manifestantes marcharam até o edifício da Petrobras, parando em frente às sedes da Eletrobras e Caixa Econômica Federal (CEF), duas estatais na mira da privatização pelo governo Bolsonaro.

Segundo estudo feito em 2018 pela Economática (agência provedora de informações financeiras), a Petrobras é considerada a oitava maior companhia do mundo no setor de petróleo e gás. Uma empresa de economia mista que tem como maior acionista o governo brasileiro, com valor de mercado estimado em US\$ 100 bilhões.

O ex-diretor de Exploração e Produção da Petrobras (2003/2012) e coordenador da equipe que descobriu as reservas do Pré-Sal, Guilherme Estrella, comentou em um vídeo o mito de que a empresa gera prejuízo aos cofres públicos. “A missão de uma empresa estatal não é dar prejuízo, é dar lucro, mas para servir a sociedade. O maior acionista da Petrobras é o povo brasileiro. A Petrobras é uma empresa de competência técnica e tecnológica reconhecida no mundo inteiro, não é de hoje. Ganhamos três prêmios da Offshore Technology Conference (OTC), considerados o Nobel da engenharia e indústria petrolífera”, afirmou.

Em cima do carro de som, a vice-presidente do Sindicato, Mychelle Alves, afirmou que a Asfoc está em estado permanente de luta pelas bandeiras do Ato. “Precisamos também defender as instituições públicas, que estão sofrendo com a tentativa de privatização. É como falar para a Fiocruz não produzir medicamentos e vacinas para a população mais pobre e entregar o mercado para o capital. Não vamos permitir isso”.



**Manifestação no Castelo** - Além do Ato no Centro da cidade, trabalhadores e estudantes da Fiocruz também protestaram nas escadarias do Castelo Mourisco. Antes da manifestação, eles fizeram um “arrastão” pelo campus de Manguinhos (Ensp, Politécnico, INCQS, Icict, IOC, INI, Biomanguinhos e restaurantes do CTV e da Asfoc) para reforçar a importância dos atos no Castelo e no Centro. Nas Unidades Regionais também houve mobilização e protestos.

Nos dias 2 e 3 de outubro, as unidades federais de ensino de todo o país entraram em greve para protestar contra o desmonte da Educação e em defesa da Soberania. A Asfoc, cumprindo deliberação da Assembleia Geral, apoiou e participou do movimento.

**Manifesto e lançamento da Frente em Defesa da Soberania** – Um mês antes da manifestação nacional, no dia 4 de setembro, foi divulgado nas redes sociais da Asfoc um manifesto elaborado por seis partidos de oposição (PT, PCdoB, PDT, PSOL, PSB e Rede) junto

com entidades da sociedade civil e movimentos populares. O documento alertava para os riscos que corre o futuro do Brasil com a política de submissão do governo Bolsonaro aos interesses estrangeiros, em especial dos Estados Unidos.

O manifesto defende a Soberania Nacional e os direitos do povo como bandeiras de luta necessárias na política interna e externa. Mostra inicialmente, através do artigo primeiro da Constituição, que o Brasil se caracteriza como Estado Democrático de Direito e tem a soberania como primeiro fundamento. Diferente do que tem sido feito pela política de Bolsonaro.

Na ocasião, o texto foi lido pelo ex-senador Roberto Requião, depois de um ato contra as privatizações, na Câmara dos Deputados. Logo após, foi lançada a Frente Parlamentar Mista em Defesa da Soberania com o objetivo de unir forças democráticas contrárias à política de submissão aos interesses estrangeiros praticada pelo atual governo. Confira a seguir alguns trechos do manifesto!

## POR UM BRASIL SOBERANO!

### Em defesa do emprego e de nosso futuro

A nação brasileira está de joelhos perante o capital estrangeiro. Em nenhum momento da história foi tão necessária a unidade das forças democráticas e progressistas para fazer frente à tentativa de destruir um país que, nas últimas décadas, registrou vários avanços, a exemplo da inclusão social, preservação do meio ambiente, respeito à democracia, convivência pacífica com outras nações e a defesa da soberania nacional e do princípio da autodeterminação dos povos.

As nações também podem morrer, quando desconstroem sua democracia, quando se submetem, quando se curvam aos desígnios de outras potências e renunciam a construir de forma autônoma seu próprio futuro. Vivemos um momento de entrega de nosso patrimônio, com a venda de nossas riquezas: petróleo, minério, água, energia, Amazônia, empresas públicas e estatais, tudo está em risco. Está em curso também a destruição de políticas públicas conquistadas pelo povo brasileiro com muita luta: Previdência (aposentadoria), Saúde (SUS), Educação (pública e gratuita). Este manifesto cria um movimento que tem como objetivo sensibilizar as forças democráticas e levantar a sociedade em defesa da soberania nacional.

Não é por acaso que a palavra soberania está gravada no artigo 1º da nossa Constituição, encabeçando os princípios fundamentais. Está ali para

afirmar que o Brasil é um país que decide sobre seu próprio destino, protege seu território e utiliza suas riquezas em benefício de todos seus cidadãos e cidadãs. O Estado e o governo devem utilizar todos os recursos possíveis para cuidar bem da população e do seu futuro. E cuidar bem significa garantir Saúde, Educação, segurança, cultura e proteção social; direito ao trabalho e à aposentadoria; salário digno e crédito para produção e consumo; acesso à terra e à assistência no campo; acesso à alimentação; acesso à Justiça; liberdade e democracia. (...)

O Brasil que desejamos é muito maior do que este que está sendo destruído pelo governo ultraliberal e autoritário, submisso ao sistema financeiro nacional e internacional. Convocamos todos os brasileiros e brasileiras, quaisquer que sejam suas preferências políticas e partidárias, a se unir em defesa da soberania nacional ameaçada. Neste momento dramático da vida nacional é necessária a unidade de todas as forças democráticas, movimentos populares e organizações da sociedade civil para enfrentar os vendilhões da Pátria, os destruidores de direitos e os inimigos da democracia.

*Brasília, 4 de setembro de 2019*

\*Para ler o texto na íntegra acesse: <https://bit.ly/2rfPNGS>

# SOS Rio

## Asfoc exige de Crivella respeito e transparência na Saúde



**P**rofissionais da Saúde pública foram para a porta da Prefeitura do Rio, no dia 11 de novembro, protestar contra o desmonte da Saúde na cidade. No Ato Unificado em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), médicos, enfermeiros e agentes comunitários denunciaram, mais uma vez, o constante atraso no pagamento dos salários e a precária situação de trabalho nos postos de Saúde, clínicas da família e hospitais.

Em entrevista ao RJ1, da TV Globo, o presidente da Asfoc-SN, Paulo Garrido, cobrou do prefeito Marcelo Crivella respeito e transparência com a coisa pública. “O direito dos trabalhadores tem que ser respeitado e o serviço público de qualidade à população tem que ser garantido”, afirmou.

A substituição das Organizações Sociais (OS) ainda fez parte da pauta de reivindicações dos manifestantes. “Quando sai uma OS e entra outra, essa nova vem com redução salarial e diminuição de equipe”, ressaltou a presidente do Sindicato dos Técnicos de Enfermagem do Rio de Janeiro, Miriam Lopes.

O presidente do Sindicato dos Agentes Comunitários de Saúde (ACSs), Ronaldo da Silva Moreira alertou para as necessidades dos agentes comunitários de Saúde “Precisamos de mais contratações e que o salário dos agentes comunitários não atrase mais, como vem acontecendo desde 2017”, afirmou.

Os manifestantes também reivindicaram o abastecimento das unidades de Saúde com insumos - remédios e materiais básicos estão em falta - e criticaram as tentativas da Prefeitura do Rio de fechar as portas das Clínicas da Família. Com palavras de ordem, os manifestantes permaneceram no local mesmo sob forte chuva. “A nossa luta é todo dia, Saúde não é mercadoria!”, gritaram.

No mesmo dia, entidades que compõem o Movimento da Reforma

Sanitária – inclusive a Asfoc - publicaram uma carta aberta aos parlamentares, prefeitos e secretários municipais de Saúde com críticas à proposta do Ministério da Saúde, que muda por portaria os critérios de rateio de recursos federais destinados ao financiamento da Atenção Primária à Saúde (APS).

“Tal proposta está alinhada com a política de austeridade fiscal e se torna mais grave com as recentes propostas apresentadas pelo Poder Executivo, que visam, a um só tempo, reduzir o teto dos gastos, eliminar o mínimo da Saúde na União, estados e municípios e colocar a Saúde e a Educação numa disputa fratricida – que certamente agravam as condições epidemiológicas, ampliam a desigualdade de acesso e não corrigem os vazios assistenciais”, informa trecho do documento produzido pelo Movimento da Reforma Sanitária. Leia na íntegra em <https://bit.ly/2KV1eeb>.

Em atividade no Congresso Nacional, Paulo Garrido e a vice-presidente do Sindicato, Mychelle Alves, conseguiram importante apoio de alguns parlamentares em relação ao assunto. O deputado federal Jorge Solla (PT-BA) citou a carta aberta e repudiou o desmonte do Sistema Único de Saúde. O ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha também se comprometeu em ler o documento nas comissões e apoiar a luta do movimento.

Nesta edição do jornal da Asfoc, o presidente do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Fernando Pigatto, concedeu uma entrevista e comentou sobre a proposta de mudança na forma de financiamento da Atenção Primária à Saúde. Confira na página 7.



Foto: Alessandra Castro



# Presidente do CNS visita a Asfoc: promissora parceria

Por Alessandra Monteiro de Castro

Fotos: Mario Cesar



exclusiva e afirmou que “democracia e Saúde não podem andar separadas”.

Pigatto participou e se emocionou ao compor a Mesa da cerimônia de entrega da Medalha Careli de Direitos Humanos e do Prêmio Sergio Arouca de Saúde e Cidadania, promovido pelo Sindicato. Ao lado dos presidentes Paulo Garrido (Asfoc) e Nísia Trindade Lima (Fiocruz) - e de Maria Almeida Careli -, o presidente do CNS entregou uma das homenagens à

O dia 5 de novembro foi memorável para a Asfoc-SN. O Sindicato recebeu em sua sede o presidente do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Fernando Pigatto. Na mesma data, ele concedeu entrevista

Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag).

Antes da cerimônia, Pigatto cumpriu uma intensa agenda: recebeu também das mãos de Paulinho e do diretor Carlos Fidelis Ponte o documento apresentado em janeiro ao ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, com as reivindicações dos trabalhadores da Fiocruz, além do manifesto sanitário sobre as mudanças no financiamento da Atenção Primária à Saúde (APS).

Todos ainda participaram da abertura do Seminário “Cairo+25: desafios da Agenda de População e Desenvolvimento no Brasil”, no Museu da Vida, e da reunião de preparação da Fiocruz no enfrentamento ao derramamento de petróleo no litoral do Nordeste, na Residência Oficial.

Confira a entrevista exclusiva com o presidente do CNS, Fernando Pigatto.



## “Democracia e Saúde não podem andar separadas”

### ASFOC: Qual a importância da Asfoc nas comissões intersetoriais do Conselho Nacional de Saúde?

**FERNANDO PIGATTO:** Vale destacar a luta, a história da Asfoc como uma entidade representativa não só da Fiocruz, como da sociedade brasileira. A Asfoc participando das comissões intersetoriais do Conselho é um fortalecimento das mesmas, que dão respaldo às decisões tomadas pelo próprio Conselho. Com certeza, essa contribuição será de muito valor. Estamos muito felizes com a presença da Asfoc em nossas comissões.

### ASFOC: Por que apresentar o relatório final da 16ª Conferência na Fiocruz?

**FERNANDO PIGATTO:** Não é de hoje que a Fiocruz tem uma relação com o Conselho Nacional de Saúde e na construção do Sistema Único de Saúde. A comemoração dos 120 anos da Fundação Oswaldo Cruz é simbólica para a gente, pois estamos participando da programação. É uma data importante para reforçar o compromisso que temos com o SUS.

### ASFOC: Como o senhor vê a proposta de mudança na forma de financiamento da Atenção Primária à Saúde?

**FERNANDO PIGATTO:** É importante dizer que a gente tem feito esse debate, não somente hoje. O debate sobre atenção básica é presente na história do Conselho. Mas em 2018, o CNS criou uma câmara técnica para debater essa questão da mudança no financiamento. Na própria 16ª

Conferência de Saúde (8ª+8) foi pautada a questão da universalidade da Saúde e todos os princípios do SUS. A gente tem noção que essa questão mexe com a universalidade do Sistema Único de Saúde.

Fizemos um seminário em outubro com a comissão do orçamento e financiamento, que contou com a presença de lideranças e dos conselhos estaduais e municipais, cerca de 200 pessoas para debater o assunto. Assinamos um requerimento levado ao Ministério da Saúde para que não fosse pactuado nada sobre essa proposta de mudança orçamentária até que o Conselho pautasse esse debate. Isso, infelizmente, não foi atendido. Mas, por outro lado, houve o compromisso do secretário de Atenção Primária à Saúde de estar presente na reunião do Conselho. Assim, a mesa diretora resolveu fazer um ofício circular direcionado a todos os conselhos estaduais e movimentos sociais para aprofundar esse debate até o mês de novembro e, logicamente, as comissões continuam debatendo.

Inclusive agora, com essa reunião na Fiocruz (quinta e sexta-feira), o assunto pode vir a partir das comissões, mas a pauta específica prepararemos aprofundando o debate.

É importante fazer com que o controle social trabalhe, a partir não só do que determina a legislação, mas, principalmente, no intuito de valorizar aquilo que foi pauta da Conferência “Democracia e Saúde não podem andar separadas”. Acreditamos que para fortalecer a democracia essa questão precisa ser ampliada. Estamos fazendo isso de forma muito abrangente, para que as pessoas possam opinar e possamos tomar a melhor decisão.



# Emoção marca homenagens

Por **Fernando Taylor**

A emoção marcou mais uma vez a entrega da Medalha Jorge Careli de Direitos Humanos e do Prêmio Sergio Arouca de Saúde e Cidadania, no dia 5 de novembro, no auditório da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV). Lágrimas, discursos emocionados, protestos e muita comoção com o beijo de Maria Almeida Careli na medalha em que está estampada o rosto do filho, Jorge Careli, deram o tom ao evento promovido pela Asfoc-SN.

Foram homenageados com o Prêmio Sergio Arouca o pesquisador emérito da Fiocruz Akira Homma; o Projeto Novos Caminhos, do Instituto Fernandes Figueira (IFF); o Projeto Nascer nas Prisões (Maria do Carmo Leal); o epidemiologista João Baptista Risi Júnior e a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag).

A médica e fundadora da ONG Criola, Jurema Pinto Werneck; o Centro de Formação Paulo Freire; o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Projeto Ausência (Nana Moraes) receberam a Medalha Jorge Careli.

Integrando a Mesa, o presidente do Sindicato, Paulo Garrido, afirmou que as homenagens têm um forte componente de emoção. “Me honra muito estar ao lado da mãe de Careli, símbolo de uma história muito forte de luta e defesa da vida”.

Ao lado de Paulinho e Maria Careli, a presidente da Fiocruz, Nisia Trindade Lima, disse que o prêmio poderia se chamar Medalha Careli Arouca. “É uma medalha única com duas faces, com duas dimensões: dos direitos humanos, e da Saúde e democracia, mas que compõem um único valor”, frisou.



## 16ª edição da Medalha Jorge Careli

A primeira premiada do dia foi Jurema Pinto Werneck. Diretora executiva da Anistia Internacional Brasil, a homenageada tem uma longa trajetória de lutas no movimento de Saúde e direitos humanos da população negra. Fundadora da Ong Criola, a instituição sem fins lucrativos ajuda mulheres, adolescentes e meninas negras no enfrentamento ao racismo, sexismo e LGBT fobias. “É uma honra receber uma medalha com o nome de Jorge Careli”, afirmou ela, logo depois de receber o prêmio das mãos do chefe de Gabinete da Presidência da Fiocruz, Valcler Rangel.

O Projeto Ausência, exposição da fotógrafa Nana Moraes, também foi homenageado. A experiência retrata a relação entre mães detentas e seus filhos fora da prisão. Neste trabalho, Nana estabeleceu uma correspondência fotográfica entre estes familiares. “Costurou” histórias e promoveu encontros por imagens. Com o material deste reencontro, utilizou bordados, misturando fotos e cartas, e criou a exposição Ausência.

“Dedico a Medalha Careli às mães presas do sistema da política da morte em que vivemos hoje no nosso país, especialmente as que

perderam seus filhos. Juntas, seguiremos lutando no caminho do afeto. Afeto que nos une e fortalece”, ressaltou Nana, que recebeu o prêmio do marido, o coordenador das Ações de Prospecção da Fiocruz Carlos Gadelha – ao cumprimentar a homenageada, dona Maria Careli pegou o estojo com a medalha e beijou a peça com a imagem do seu filho.

Voltado para os trabalhadores de todo país, o Centro de Formação Paulo Freire abriga três unidades agroindustriais. Pelo local passam ainda toneladas de carnes e raízes cultivadas por trabalhadores do estado de Pernambuco. O Centro beneficia também a produção de pães e bolos, fruto de uma cooperativa de boleiras do assentamento Normandia. Nos últimos 20 anos, mais de 100 mil alunos passaram pelos cursos práticos e teóricos do Centro.

“Atacar o Centro de Formação Paulo Freire é atacar o patrono da Educação do nosso país, é atacar a Educação popular”, disse a presidente do Grupo de Boleiras, Mauricéia Matias Vicente, após receber a homenagem da diretora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ana Keila de Barros.

A homenagem ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) foi



marcada por um grande simbolismo: exatamente no dia do evento (05/11), a tragédia do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, em Minas Gerais, completava 4 anos.

“A data marca profundamente todos os atingidos por barragens: 600 quilômetros do Rio Doce ficaram contaminados, além de parte do litoral capixaba. As famílias perderam suas casas, não foram indenizadas, estão até hoje sem trabalho e sem perspectiva. E a Vale, impunemente, continua fazendo suas barbaridades, como em Brumadinho, onde marca o maior crime trabalhista do nosso país, com a morte de 272 trabalhadores”, lembrou a coordenadora Nacional do MAB, Alexânia Rossato, que

emendou vários lemas do movimento. “Nem lama, nem óleo. O lucro não vale a vida. Águas para a vida, não para a morte”.

A coordenadora da Asfoc-Pernambuco, Joselice Pinto, entregou a medalha e protestou contra as empresas causadoras dos desastres em Mariana e Brumadinho. “A Samarco e a Vale continuam tratando a energia, a água, a natureza e até os trabalhadores como se fossem mercadorias. O que ficou foi a impunidade. Pessoas foram desapropriadas de suas terras, tiveram expropriados seus direitos, sua identidade, sua relação do meio em que vivem. A justiça é ainda muito leve e injusta com essa diferença entre o capital e o trabalhador”, finalizou.

## 14ª edição do Prêmio Sergio Arouca



O pesquisador emérito da Fiocruz Akira Homma foi o primeiro homenageado com o Prêmio Sergio Arouca. Um dos profissionais mais importantes da indústria de vacinas do mundo, o ex-diretor de Biomanguinhos (1976-89) e ex-presidente da Fiocruz (1989-90) falou sobre a emoção. “Me deixa sem palavras, porque Sergio Arouca é o nosso ícone na Fiocruz, é a nossa referência maior em políticas de Saúde pública”, comemorou.

O diretor da Asfoc Carlos Fidelis Ponte entregou o prêmio e chamou Akira de um “samurai em defesa da vacina”. “Ele foi responsável pela incorporação tecnológica de muitas vacinas e pela política de combate a dependência tecnológica. Um profissional com sentido público”. E lembrou uma fala do jornalista Luiz Nassif durante debate promovido pelo Sindicato, no ano passado. Numa análise de conjuntura sobre o país, Nassif afirmou que “a Fiocruz é uma âncora que nos mantém no projeto civilizatório nacional e de inclusão”. “Essa âncora tem alguns pilares. Um deles é o doutor Akira”, afirmou Fidelis.

Pela dedicação exclusiva de sua vida profissional ao serviço público, o médico João Baptista Risi Júnior também foi homenageado com o Prêmio Sergio Arouca. Entre inúmeras contribuições para a medicina – como a erradicação da varíola nos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1971, e da poliomielite nas Américas, em 1985 -, Risi também foi o criador do Dia Nacional de Vacinação.

“Para quem se dedicou a vida inteira ao serviço público, isso é muito significativo”, revelou, após receber o prêmio das mãos de coordenadora de Pesquisas Clínicas do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Biomanguinhos, Maria de Lourdes de Sousa Maia.

Em seguida foi a vez do “Novos Caminhos”. O projeto é uma proposta social criada e desenvolvida a partir da realidade vivida pelos familiares e pacientes do IFF: mulheres, adolescentes e crianças que necessitam de cuidado permanente com a saúde e encontram terapia, lazer e geração de renda por meio das atividades propostas pelo projeto.

“Diante de tantas perdas nasceu o Projeto Novos Caminhos, que cuida de quem cuida. Através do artesanato encontramos a saída dessa dura realidade. Enquanto costuramos o pano, costuramos também a vida”, afirmou a coordenadora Maria Laura Santos, que recebeu o prêmio do diretor do Instituto Fernandes Figueira, Fábio Russomano.

Representando 27 federações agrícolas e mais de 4 mil sindicatos rurais, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura defende os direitos de mais de 15 milhões de agricultores familiares, assentados da Reforma Agrária, quilombolas, pescadores artesanais e ribeirinhos. Contrário ao atual modelo de desenvolvimento agrário no país – concentrador de terras e excludente -, a Contag tem como principais bandeiras: a agricultura familiar; a agroecologia; a defesa dos direitos dos trabalhadores e das políticas sociais e públicas para o campo, com igualdade de oportunidades, acesso à Saúde, Educação, lazer, cultura,

habitação, segurança, entre outros.

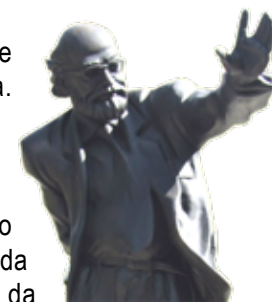
“Lutamos por um novo modelo de desenvolvimento rural, pautado na agroecologia. Um modelo que tem política pública de saúde. É neste sentido que a Fiocruz tem esse papel importante, uma proposta, um projeto de construção de um modelo de saúde diferenciado para o campo brasileiro”, afirmou o assessor da Contag, Antônio Lacerda, que recebeu o prêmio da pesquisadora da Fiocruz Maria do Socorro Souza.

A última homenagem do dia foi para o Projeto Nascer nas Prisões. A partir de um estudo feito pela pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp) Maria do Carmo Leal foi constatado que a assistência pré-natal e a atenção à gestação do parto eram inadequadas e violava os direitos humanos. Em função disso, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu conceder habeas corpus coletivo a gestantes e mães com filhos de até 12 anos de idade, substituindo as prisões preventivas pela prisão domiciliar.

“Foi uma pesquisa nos campos da ideia e ciência, e que melhorou a vida das pessoas. Para se alcançar bons resultados, houve um trabalho compartilhado, com vários olhares e saberes para podermos chegar mais perto da vida”, afirmou Maria do Carmo Leal. A vice-presidente do Sindicato, Mychelle Alves, entregou o prêmio e, ao lado da jornalista Alessandra Monteiro de Castro, também foi a mestre de cerimônias do evento.

Além dos homenageados, e seus convidados, prestigiaram a cerimônia trabalhadores de diversas unidades da Fundação. Em parte da cerimônia, o presidente do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Fernando Pigatto, também integrou a Mesa do cerimonial.

O vídeo do evento está disponível no canal do YouTube do Sindicato. Confira!



Fotos: Fernando Taylor



## CNPq e Capes em xeque

# Governo quer fundir agências para “economizar” em C&T

**Por Fernando Taylor**



O diretor da Associação dos Servidores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Roberto Muniz, classificou como “muito preocupante” a possibilidade de fusão do CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A afirmação foi feita durante o debate “A crise do CNPq e o Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia”, no dia 7 de outubro, em evento realizado conjuntamente pela Asfoc-SN e o Observatório História e Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz (COC), no Salão de Conferência do Centro de Documentação em História da Saúde (CDHS).

A ameaça de fusão pelo governo federal foi reforçada dois dias após o debate (09/10), quando o ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), Marcos Pontes, admitiu, em entrevista ao jornal Correio Braziliense, “a fusão em uma só agência, estritamente do ponto de vista econômico”. Em nota, o CNPq fez duras críticas a Marcos Pontes.

“É muito preocupante para nós, gestores em C&T, que o titular do ministério desconsidere as diferenças de atuação entre CNPq e Capes e que reverbere o coro desinformado, e por vezes mal-intencionado, que defende a união de ambas as agências”.

Durante o debate na Fiocruz, o diretor do CNPq foi didático ao explicar a diferença entre elas. “A principal competência da Capes é a formação de recursos humanos altamente qualificados e a avaliação dos cursos de pós-graduação. O CNPq tem como função primeira a formação de pesquisadores e o fomento à pesquisa científica e tecnológica”, explicou.

Roberto Muniz afirmou que a visão do atual governo sobre ciência e tecnologia também segue a lógica de privatização. Segundo ele, o programa de governo proposto pelo então candidato à Presidência da República,

Jair Bolsonaro tratava especificamente C&T como “modelo de

pesquisa esgotado no Brasil”.

Com a eleição, o novo governo apresentou uma visão calcada no empreendedorismo e na privatização do Sistema Nacional de C&T - o arcabouço anterior trabalhava com as premissas de desenvolvimento da autonomia e soberania, inclusão social e bem-estar. A partir desta nova situação, houve uma inflexão dos objetivos e uma mudança radical em relação ao tema. “O governo passa agora a perseguir a redução do Sistema de C&T para que atenda a determinados projetos, principalmente oriundos da iniciativa privada”, afirmou o presidente do CNPq.

De acordo com Roberto Muniz, o governo está desconstruindo o modelo para reagrupá-lo de uma outra forma. “O sistema é colocado em crise, porque é necessária uma reorientação. Nesta visão, o Sistema de C&T é muito grande, pesado. E o Estado não tem que estar presente, não deveria fazer”.

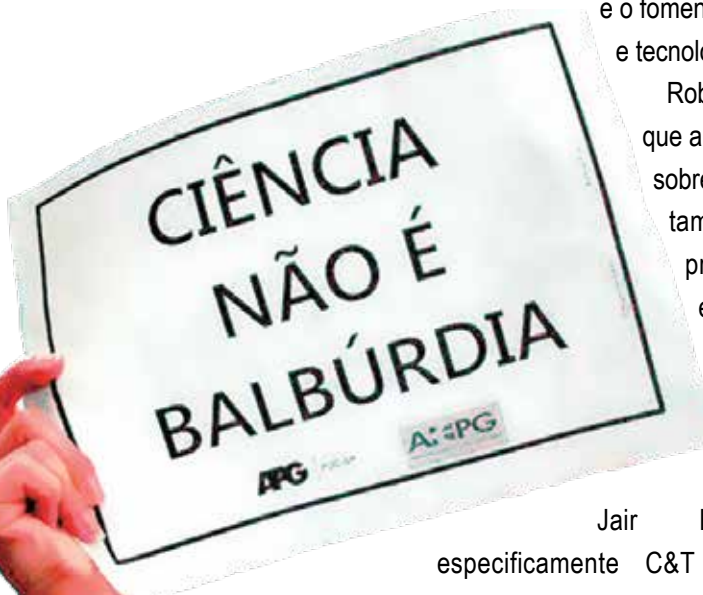
Segundo ele, a forma do governo reorientar é reduzindo drasticamente os recursos orçamentários financeiros e dos recursos humanos para a ciência e tecnologia, além de pauperizar os laboratórios e a infraestrutura de C&T.

Para o diretor no CNPq, as pessoas estão tentadas a entrar no “canto da sereia” do governo, de que não há recursos suficientes para bancar a máquina do Estado. “O que a gente tem é uma péssima divisão destes recursos entre as áreas de governo (0,24% do PIB é investido em C&T). O que gasta muito, ninguém fala: os juros e amortizações da dívida, que consomem quase todo orçamento do governo (40,66% ou R\$ 1,065 trilhões, segundo os próprios dados do governo)”.

Roberto Muniz reconheceu que o Sistema de C&T pode melhorar. Mas é taxativo em relação às mudanças de rumo pelo atual governo. “Não se justifica a total transformação do sistema, principalmente apostando para um que vá passar os ativos do Estado para a iniciativa privada”, criticou.

O diretor da Asfoc Carlos Fidelis Ponte questionou o convidado sobre quais estratégias de luta devem ser colocadas em prática para combater essa visão de governo. “Primeiro, nossos pares devem abrir os olhos, começar a enxergar que estamos numa crise séria e profunda. E realizar o trabalho de convencimento junto aos parlamentares no Congresso Nacional, como a Asfoc tem feito, de forma muito atuante”, frisou.

Também presente ao debate, o presidente do Sindicato, Paulo Garrido, afirmou que a atuação deve ir além do Parlamento. “Precisamos discutir uma forte atuação nos estados, nas assembleias legislativas. A luta precisa combinar Congresso, rua, debate, formação política, comunidade para ampliação da atuação”, afirmou Paulinho, com a concordância do palestrante.





## Gol de Placa

# Diversão, integração, saúde e esporte marcam reinauguração do campo de futebol

Fotos: Mario Cesar

Por Alessandra Monteiro de Castro

**B**ola rolando e muita animação marcaram a reinauguração do campo de futebol da Asfoc-SN em 24 de agosto. A tradicional pelada, aulas de zumba, tênis, yoga, pilates, treinamento funcional e massagem fizeram da data uma grande comemoração ao esporte, à integração social e à saúde.



A apresentação do Ballet Manguinhos abriu a série de atividades do dia. Em campo, as meninas dos times Estrelas do Mandela e Resenha mostraram talento com a bola nos pés. Tudo sob o olhar atento de Jairzinho, o Furacão da Copa de 70.

"Eu me sinto privilegiado porque em General Severiano tive a oportunidade de estar num espaço como este. Parabênzulo o Sindicato da Fiocruz por acreditar na formação do ser através do esporte mais lindo do mundo, o futebol! Espero que possamos ter muitos Jairzinhos nesse campo", afirmou o ex-jogador.

O presidente do Sindicato, Paulo Garrido, relembrou que o campo foi utilizado para a realização do 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (Abrascão), em julho do ano passado. Junto com a Presidência da Fiocruz, a Asfoc se mobilizou para recuperar o espaço de grande importância aos trabalhadores.

"Esse momento é de grande relevância pelos compromissos que a Diretoria da Asfoc assumiu. A reinauguração desse espaço pode ser considerada

como um marco da cooperação institucional em prol do incentivo ao esporte como elemento fundamental para a saúde dos trabalhadores e dos moradores da vizinhança que também frequentam o local", afirmou Paulinho.

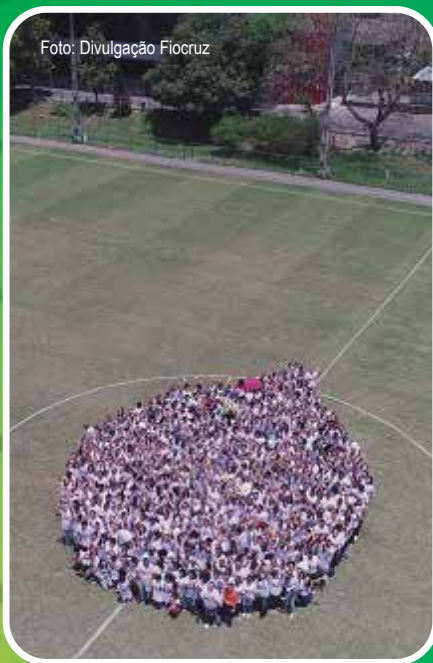
O papel de inclusão na partida de futebol feminino foi destacado pela vice-presidente do Sindicato, Mychelle Alves. Ela também explicou a importância da valorização da atividade física como forma de manutenção da saúde física e mental. "A prática esportiva é fundamental para deixar nossa mente sã e equilibrada. É importante registrar o apoio ao futebol feminino: foi a primeira partida da reinauguração do campo. Afinal, o lugar da mulher é onde ela quiser, no esporte, na militância e no sindicato. Asfoc fazendo mais um gol de placa para a saúde do trabalhador", frisou.

As jogadoras das equipes agradeceram a oportunidade e comentaram como foi positivo a Fiocruz abrir as portas para as mulheres jogarem futebol, pois ainda existem muitas barreiras para serem derrubadas.

O diretor-executivo da Vice-Presidência de Gestão e Desenvolvimento Institucional, Juliano Lima, disse que "espaços de integração social são muito importantes para os trabalhadores e para a Instituição".



Foto: Divulgação Fiocruz



O campo de futebol também foi palco da histórica foto da grande gota humana feita no "Fiocruz para você", em 19 de outubro. A imagem aérea foi composta pelos trabalhadores da Fundação em manifestação a favor do programa de vacinação.

## Equipe de Corrida da Asfoc conquista pódio inédito em corrida de trilha

A Equipe de Corrida da Asfoc-SN subiu mais uma vez no pódio. Depois de várias conquistas de medalhas em provas de rua, dois atletas alcançaram resultados inéditos para a Equipe: prata e bronze em competição de trilha. A façanha aconteceu no World Trail Run (WTR) Serra do Mar, no Vale da Videiras, em Petrópolis (RJ), no dia 23 de novembro. Na prova de 8 quilômetros, André Ferreira foi vice-campeão (categoria 50 a 54 anos) e Sergio Mendes, terceiro colocado (45 a 49 anos) – na foto, à esquerda.





## 120 anos da Fiocruz será enredo do Discípulos de Oswaldo

**E**m 2020, a Fiocruz completará 120 anos e será tema do enredo do Bloco Discípulos de Oswaldo. Não será a primeira vez, e com certeza nem a última, que a Fundação ganhará destaque na nossa folia. Nada mais justo!

Em 2018, o refrão do samba do Bloco contagiou os foliões: “Você pode não saber, mas eu vou te revelar, a Fiocruz está no seu DNA!” – uma adaptação à famosa frase/propaganda da Fundação.

O calendário dos ensaios oficiais do Discípulos para o ano que vem, as rodas de samba, a divulgação da sinopse e a inscrição para a disputa do samba-enredo serão divulgados em breve. Este será o 19º desfile do Bloco, que tem como um dos objetivos principais integrar os trabalhadores e moradores vizinhos da Fiocruz.

O sucesso do Discípulos em 2019 foi tão grande que não faltam convites para que o Bloco se apresente, e leve suas faixas e bandeiras a outras folias na cidade.

Em 2020, uma novidade: o Bloco Discípulos de Oswaldo vai desfilar na Avenida Atlântica, na terça-feira de carnaval, a convite do Bloco “Meu bem volto já” - que também vai homenagear os 120 anos da Fiocruz.

Neste ano, após o desfile oficial, galhardetes e cartazes do Discípulos foram vistos em importantes blocos: “Barangal”, em Ipanema; “Grito de Carnaval Mulheres na Ciência”, no Museu da Vida; “Meu bem volto já”, em Copacabana; “Batuke de Batom”, na Ilha do Governador; Loucura Suburbana, no Engenho de Dentro; “Órfãos de Brizola”, no Centro do Rio, com o tema “Educação sem mordação”. A consagração culminou no desfile da Estação Primeira de Mangueira, escola de samba campeã do carnaval 2019.

Fique atento à agenda da folia e participe!

A oficina de percussão do Batuca Oswaldo acontece nas segundas, quartas e sextas-feiras, de 12h às 13h. Para participar basta ir em um dos horários no campo de futebol e procurar por Carlos Noronha, o Mestre Xula.



Fotos: Alessandra Castro

## Dia das Crianças no IFF

As crianças em tratamento no Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz) e seus pais deram boas risadas no dia 4 de outubro, com a visita do grupo teatral “Bando de Palhaços”. A ação é tradicionalmente feita pela Asfoc-SN em comemoração ao Dia da Criança, festejado em 12 de outubro.

Os palhaços passaram por diversas alas do hospital levando alegria e diversão até mesmo para os profissionais da Saúde, que cantaram, dançaram e tiraram fotos com o grupo. A gratidão também ficou evidente no sorriso estampado no rosto das crianças e dos familiares durante as brincadeiras.

O “Bando de Palhaços” integrou por 4 anos o Projeto Plateias Hospitalares do Doutores da Alegria. Atualmente faz espetáculos, oficinas e cortejos por praças pelo Brasil e em hospitais públicos, num trabalho voltado para confortar e amenizar o sofrimento dos pequenos.



Fotos: Mario Cesar

## Natal das Crianças

A Asfoc-SN realizou, no dia 30 de novembro, mais uma edição da tradicional festa de Natal das Crianças. Papai Noel animou ainda mais o dia!

